

para teatro. Em breve estará publicando seu primeiro livro de crônicas denominado *Silêncios Atemporais*, uma coletânea com 100 crônicas escritas em diversos jornais e revistas da região Petrolina/Juazeiro, entre os quais destaca: *Jornal Folha Verde*, *Jornal de Juazeiro*, *Correio do Sertão*(extinto), *Gazzeta Regional*, *Máscaras-Jornal de Artes*, *O Cerveja-Jornal*, *Revista Com Você*, *Art Pop Zine- Revista Cultural*, *Jornal do São Francisco* e *Jornal da Cidade*. O poeta possui um acervo com mais de 400 canções de sua própria autoria, nos estilos mais variados, passando pelo forró, samba, rock e já se prepara para este ano lançar seu primeiro CD intitulado *Sacolejos & Manejos* uma coletânea com 14 forrós que buscam dinamizar e melhorar o conceito desta espécie de música no país. Atualmente, Aroldo desempenha a função de Auditor Fiscal na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, em Juazeiro/BA, desde março de 1994 após conseguir aprovação em concurso público realizado em outubro de 1993. A partir de outubro de 1998 passou a fazer parte do Conselho Acadêmico do *Clube dos Escritores Piracicaba*, ocupando a cadeira de nº30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado.

**AROLDO FERREIRA LEÃO**

# **MONÓLOGO DAS SOMBRAS**

**1ª Edição, 2000**

## **APOIO CULTURAL**

**Talentos *strategic marketing***  
escritório de design

**Gráfica Mandacaru**

**Clube dos Escritores Piracicaba**

## *DADOS SOBRE O AUTOR*

AROLDO FERREIRA LEÃO, poeta, potiguar, nasceu em Parnamirim/RN a 12 de outubro de 1967. Desde os 15 anos de idade escreve com frequência, já contando com mais de 10.000 poemas escritos, que espera algum dia possam ser avaliados e pesquisados. É formado em Engenharia Elétrica, com ênfase em eletrônica, pela UFRN(Universidade Federal do Rio Grande do Norte) em Natal/RN e também obteve créditos de Mestrado, na UFPB(Universidade Federal da Paraíba) em Campina Grande/PB. Começou a publicar seus primeiros trabalhos no jornalzinho cultural *Vôo Primeiro de Uma Arribação* em Natal/RN na década de 80. Possui dez livros de poesias publicados, respectivamente: *A Trilogia da Dor*, 1995; *Carta a Tio João Cordeiro*, 1996; *Alfabetizando a Alma*, 1997; *Presságios*, 1997; *Sisuda Acidez*, 1998; *A Janela do Sótão*, 1998; *Harmonia Dissonante*, 1999; *Impactos Azuis*, 1999; *O Espelho dos Labirintos*, 1999; *A Alquimia do Impreciso*, 2000. Está no prelo seu mais recente trabalho intitulado *O Eco das Distâncias*, livro de teatro, especificamente composto por três atos que se

*Mesmo que os cantores sejam falsos como eu  
Serão bonitas, não importa, são bonitas as canções*

*CHICO BUARQUE*

*Quem é pedra como eu sou  
Bebe a água do amanhã*

*ALDIR BLANC*

*Agora senhora, são tantos anseios  
Promessas de amor delirantes  
Mais tarde agonias, silêncios, receios, mistérios  
Só dos navegantes*

*PAULO CÉSAR PINHEIRO*

*Nos dissolvamos sem fazer ruído,  
Sem tempestades de ais, sem rios de pranto...*

*JOHN DONNE*

- CCXI) Levou uma corte tão profundo na alma que chegou a sangrar seus fantasmas e a vomitar as possibilidades de tédio em si mesmo.
- CCXII) O tempo nos dimensiona nas coisas, nos traz certas esperanças que nos enchem de alegria e vivacidade.
- CCXIII) A vida é a união de nossas necessidades com nossos pensamentos e sentimentos sempre alicerçados na ancestralidade que trazemos em nossos espíritos.
- CCXIV) Cantar é um grande remédio para encantar os males que nos assombram, para construir em nossos interiores a força das harmonias que se decodificam na solidão do universo.
- CCXV) Em nossas tolices e mesmices têm-se o espectro sorumbático das sandices que nos trazem nossas percepções do longe.
- CCXVI) Nascemos das químicas líricas, das mímicas cítricas que nos convidam a sermos palhaços de nós mesmos.
- CCXVII) Paradoxos nos colocam em nós mesmos, nos abrem às indefinições e às verdades das coisas.
- CCXVIII) Murchos espiritualmente, seguimos.
- CCXIX) Há um envelhecer em nossas indagações, um hábito de perpetuar no tempo nossos questionamentos a respeito da vida.
- CCXX) Nos unamos, urgentemente nos unamos. Respeitemo-nos, compreendemo-nos,

## BIBLIOGRAFIA

### I. Livros

- a) *A Trilogia da Dor*, Edição do Autor  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1995;
- b) *Carta a Tio João Cordeiro*, Edição do Autor  
Gráfica Franciscana, Petrolina/PE, 1996;
- c) *Alfabetizando a Alma*, Edição do Autor  
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997
- d) *Presságios*, Edição do Autor  
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997;
- e) *Sisuda Acidez*, Clube dos Escritores Piracicaba  
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- f) *A Janela do Sótão*, Editora Mandacaru  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1998;
- g) *Harmonia Dissonante*, Editora Mandacaru  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- h) *Impactos Azuis*, Editora Gazzeta  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- i) *O Espelho dos Labirintos*, Editora Gazzeta  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- j) *A Alquimia do Impreciso*, Editora Mandacaru  
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 2000.

## APRESENTAÇÃO

- CCVI) O desconhecido  
Somos nós,  
Pós  
Da última quimera,  
Megera  
De olhar indefinido.
- CCVII) Quanto mais gritava  
Ninguém o escutava.  
Resolveu  
Ser o sonho ausente,  
Novamente  
Ninguém o entendeu.  
Percebeu  
Que tinha uma solidão  
Corrosiva, uma expansão  
Que nunca o preencheu.
- CCVIII) Segredos roubados  
Dos alados  
Lados  
De uma alma de desacordados  
Sentimentos endiabrados.
- Sonhos cantarolados  
Por vozes roucas, sons roubados  
Dos estados  
Sempre ativos do ser, esmiuçados  
Nesses descampados
- Onde animais pastam, ilhados,  
Procurando passados
- E futuros alicerçados  
No presente de seus olhos calados.

Na indefinição dos instantes que me envolvem, percorro minha própria inexatidão com inquietude e silêncio. Distribuo-me na impaciência, procuro-me onde não vou me achar. As interrogações fundem-me aos destinos que como eu estão isolados em si mesmos, presos aos cíclicos olhares das coisas. São desarmonias que me harmonizam, incertos caminhos me encontram sem caminhos para percorrer, me movimentam nos segredos de ninguém. Fatalidades me obrigam sempre a estar além de mim mesmo, me detêm nas penumbras dos pensamentos solitários, nas razões que se desarticulam involuntariamente. Buscando explorar e dialogar com meus receios e fantasmas, criei em *Monólogo das Sombras* um texto teatral dividido em três atos que interagindo de forma filosófico-poética tenta propor ao leitor uma concepção de sentimento e pensamento voltados para o interior de nós mesmos, incertezas abertas às impropriedades do mundo. No referido texto há ainda quinze canções que buscam dinamizar e humanizar as percepções do ouvinte, com relação as coisas que o envolvem e o transformam,

De roer no dia-a-dia  
Da melancolia  
Que envelhece  
Conosco  
Como um sol fosco.

CLCIV) Princípios são as  
Últimas coisas que nos  
Vêm, homens nocivos.

CLCV) O amor envelhece  
A alma, mora no infinito  
De nossas certezas.

CLCVI) Abraçou-se com  
A vida, acolheu seus medos  
Com muita ternura.

CLCVII) Quanto mais subia  
Mais descia na gangorra  
Da elevação dele.

CLCVIII) Tenso, desolado,  
Pensou na felicidade  
Das pessoas justas.

CLCIX) Estafado de  
Pensar, estabeleceu  
Em si rumos góticos.

CC) Não temos quilate  
Espiritual. Em nós  
As luzes se apagam.

CCI) O tempo não tem  
Pés, mas corre depressa e  
Nos deixa sem tempo.

# MONÓLOGO

## DAS

# SOMBRAS

*(T E A T R O)*

CLXXXVIII) Diante

De sua errante  
Condição  
De Infante,  
Sem terras  
Nem guerras  
Para participar,  
Resolveu cantarolar  
A canção  
Das serras  
Por onde passou  
E por lá ficou.

CLXXXIX) Escorou-se nas ilusões,  
Amputou-se naturalmente.  
Trafegou pela solidão  
Silenciosa de qualquer sensação  
Estabelecida  
Na sua visão tímida.

CLC) Viu-se no lume  
Do estrume  
Que não aduba,  
Na macaúba  
De gosto  
Oposto  
Ao que esperava,  
Na brava  
Situação  
Da ação  
Sem concepção.

CLCI) Existem  
Em ti  
Incertos  
Gorjeios

### ATO 1:

- I) De nossas indecisões nasceu o acaso que nos une.
- II) Somos o que sobrou de nossos olhares dispersos nos contratempos da vida, a luz que não acende quando se mais precisa, o lado estragado das coisas mortas.
- III) A verdade não está em nós, ela não pode nos habitar. O silêncio circunstancial de nossos medos nos transforma em seres divididos, criaturas enraizadas em seus desejos.
- IV) Há deslizos indecifráveis em nós, conceitos que nos definem no improvável, visões turvas que nos põem frente a frente com nossa frágil condição humana atrelada a sensações que nos tornam vazios intuitos sem sentido.
- V) Mas a voz dos infinitos nos mantêm presos aos segredos de nós mesmos, nos modelam na realidade irreal de nossas vidas.
- VI) O tempo nos escolheu para dançarmos o samba dos escuros. A voz dos ecos que não existem nos condicionam a sermos exageradamente falsos e atrapalhados.
- VII) Nós somos o esquecido, a inconveniência dos atos que nos atrapalham e nos lançam no caos das coisas.
- VIII) A dor está em nós. Agonias nos conduzem por caminhos sombrios e solitários.
- (IX) Divisões nos silenciam, nos entrelaçam nas ancestralidades.

CLXXI) Mares semi-abertos  
Em nossas espíritos  
Nos põem em cíclicos  
Movimentos soltos  
Na realidade

Irreal de nossos  
Desejos movidos  
A vaidades e  
Contratempos, velhos  
Sais de gostos tortos.

CLXXII) Erradas  
Visões  
Caladas  
Distraem

As faces  
Que se  
Retraem  
Diante

De certos  
Conflitos,  
Desertos  
Aflitos

Atados  
Aos hálitos  
Serenos  
Da aurora.

CLXXIII) Na bondade dos espíritos elevados  
encontramos a lucidez dos que enxergam longe.

CLXXIV) O sonho nos conduz à eternidade, nos torna  
mais acesos espiritualmente.

XII) Ecos transformam vozes rasteiras,  
Rondam os mistérios insossos  
De cada um de nós.  
Onde vamos tão apressados,

O que queremos dos outros e de nós mesmos?  
Nossa angústia atrapalha a alegria de muitos,  
Nossas desavenças interiores  
Se exteriorizam na realidade conturbada dos dias atuais.

Estradas nos redefinem  
Em antigos passos que  
Nunca demos,

Nos induzem a irmos além  
Do que já fomos,  
Animais secos e doídos.

XIII) Sons  
Soltos  
Em  
Nós

Têm  
A  
Cor  
Das

Luzes  
Que  
Não  
Brilham.



São estranhas  
Nossas cores  
Quando estamos  
Nesses ramos  
De mundos frios.

CLXVIII) Suponho  
Que estás  
No sonho  
Desse ás

Sentido  
Partido,  
No ouvido  
Parido

Do inconho  
Ser, cais  
Tristonho,  
Porto e ais.

CLXIX) MÚSICA 12

“TEMPO”

Tempo de amar,  
De conquistar  
Novos espaços  
No ser.

Tempo de estar  
No luar  
Dos descompassos  
Do viver.

Inseguro, algo  
O desmontou  
Por dentro sempre,  
Viu-o sem ímpeto.

XVII) Angústias tornaram-no  
Frágil, deslocado  
Das coisas, amante  
Das essências tortas,  
Calado conceito

Atrelado às fugas  
Divagantes da  
Vida. Foi um homem  
Estaticamente  
Solto nas verdades.

XVIII) As distâncias nos fundem  
Às estradas que nunca

Percorremos, nos vêm  
Nas placas sujas dos

Caminhos que não levam  
A lugar nenhum, nunca.

XIX) Vícios nos concentram na  
Realidade de nossa  
Esquizofrenia. Úmidos  
Receios nos conciliam  
Com a impossibilidade  
Dos sorrisos disfarçados  
Em inseqüências ágeis.

XX) Na tranqüila solidão de si mesmo solidificou  
idéias inúteis.

- CLXII) Somos  
A  
Dor  
Do  
Outro,
- O  
Ermo  
Campo  
Em  
Que
- Pastam  
Seres  
De  
Sonhos  
Pálidos.
- CLXIII) Sonâmbulos  
Procuram  
Por seus  
Silêncios
- Andando  
De um lado  
Para outro,  
Dormindo
- O sono  
Daquelas  
Figuras  
Ilhadas.
- CLXIV) Possuía  
Uma alma  
Calma,  
Vazia.  
Queria

- XXVII) Adormecidos estamos. Quando acordaremos para a verdade? Nosso leito passeia na escuridão da imensidão que nos consome.
- XXVIII) Buscamos o que queremos e não queremos, nossas vaidades nos fundem a tudo, ou quase tudo.
- XXIX) Vácuos nos preenchem de silêncios e improbabilidades, nos retocam nos empecilhos do mundo.
- XXX) Pouca coisa em nós reflete a espiritualidade da natureza que nos envolve.
- XXXI) Temos um bloqueio forte na mente e no espírito. Ainda não aprendemos a raciocinar nem a amar.
- XXXII) O fim do mundo somos todos nós, auroras abertas a verdade maior de todas as coisas.
- XXXIII) MÚSICA 3
- “VEGETANDO”
- Vegetando seguia  
No mundo das formas  
Não sabia  
Que seria  
Um dia  
Poesia  
E inércia  
Sem normas.
- Ruminando queria  
O imundo sorriso  
Que poria  
Na sua sabedoria

Lírico,  
Lúdico.

### ATO 3

- CXLIX) A esperança está em nós, eternas crianças de confiança escalena.
- CL) O mal não está na alegria ou na tristeza, o mal está em nossos maus atos, em nossa sujeira espiritual.
- CLI) Quem sorri pra vida acaba descobrindo a essência das coisas.
- CLII) Acreditar no que o outro é capaz é acreditar em si mesmo, é por nos olhos da vida a certeza de que um dia seremos felizes.
- CLIII) Se faz necessário transformar nossas percepções e sensações para melhor, provocar em nossos corações um súbito amor por tudo que nos cerca.
- CLIV) Nossas tensões são nossas desalinhadas atitudes sempre carregadas de insatisfações e vaidades as mais diversas.
- CLV) Onde o amor habita não existe mentira, apenas a lucidez de eternidade de um Sócrates.
- CLVI) Maus pensamentos geram maus homens e espíritos levianos demais.
- CLVII) Enxergar longe é enxergar para dentro, é amar os infinitos de nós mesmos.

XLII) Vomitou seus próprios  
Desgostos sobre a doçura  
De suas visões.

XLIII) Quanto mais queria  
Mais se via isolado, íntimo  
De suas agruras.

XLIV) MÚSICA 4

“ESPERA”

A vida te espera  
Com ou sem quimera.  
Quem dera

Sermos  
Tudo, termos  
Na alma um escudo e vencermos

Nossas  
Debilidades sem fossas  
Só com novas bossas.

XLV) Variedades de interrogações apenas aceleram as surpresas que nos determinam na vida.

XLVI) Quanto mais futuro nos aguarda mais passado acumulamos em nossas almas.

XLVII) O verdadeiro amor conhece  
A força dos fracos, a centelha  
Que brilha só na escuridão  
Dos seres mortos em si mesmos,

Pulou,  
De galho em galho,  
Falho,  
Com os tinos

Em ritmo tenso. Procurou  
Incertos  
Desertos  
De calores finos.

CXLV) Nele  
Um vazio  
Tão grande  
Que o expande

Na pele  
Do óbvio  
Maluco  
De rosto no vuco-vuco

Do imbele  
Sorriso sem brio,  
Do torpor  
Que conhece seu desamor.

CXLVI) No baú  
Do seu passado  
Encontrou-se,  
Perdeu-se.

Tornou-se  
Só, preencheu-se  
De enfado,  
Esaú

Maldito,  
Espírito

LII) O final da linha não é o final da linha, é o início de tantas outras vaidades e esperanças que nos aguardam como sempre nos aguardaram, prontas para nos aperfeiçoarem como gente.

LIII) Quem explora a si mesmo nunca perde tempo com nada. Enxerga com facilidade as mesmices de uma vida deplorável, mas interessante.

LIV) Onde estaremos quando nossas máscaras  
Forem tiradas de nossas cansadas  
Faces sujas, ilhadas, desoladas  
Ante óbvios imprevistos anacrônicos?!

LV) Dentro de nós mesmos  
O mistério de ser gente  
Nos transforma em vidas  
Soltas nas percepções  
Eólicas do mundo.

Estamos nos esmos  
Sem sentido, na demente  
Situação que traz divididas  
Sensações  
A qualquer espírito imundo.

LVI) No sonho deslizamos,  
Vamos  
Seguindo em nossos destinos  
Como meninos

Cantando em hinos  
Seus próprios desatinos.  
Lutamos,  
Sonhamos

CXXXVI) Visões que cegam  
Nos agregam  
Aos pântanos  
Dos planos  
Insanos.

CXXXVII) Esqueceu de ser ele mesmo,  
Conviveu  
Com seu  
Silêncio arredio  
Num calafrio  
Obnócio.

CXXXVIII) Refrões que não  
Existem numa canção  
Que jamais  
Ecoou trazem sinais

De solidão  
Ao coração  
Envolvido com os ais  
Do mundo. Visuais

Intenções sem senão  
Nos abrem à convicção  
Dos homens totais,  
Tensos e anormais.

CXXXIX) Sublime  
É o time  
Dos inúteis.

Com goleiros, defensores e atacantes  
Sempre distantes  
Deste mundo de seres fúteis.

LXIV) Quando repousamos  
Na solidão acordamos  
Para o que é real.

LXV) Pouca coisa nos  
Põe cara a cara com nossas  
Múltiplas doenças.

LXVI) No tímido olhar  
Do teu aperreio vê-se  
O tom das distâncias.

LXVII) MÚSICA 5

“SAIU”

Saiu  
De si, partiu  
Pra além.  
Nem  
Percebeu  
Que sorveu  
O universo  
Emerso  
E imerso  
No seu  
Verso  
Tenso,  
Propenso  
A estar  
No imenso  
Mar  
De todo ar  
Denso.

Atalho  
Que conduz ao galho  
No qual as dita-cujas

Repousam confusas,  
Intrusas,  
Medusas  
De bocas lusas,  
Difusas  
Criaturas cafusas.

CXXVII) Flutuantes instantes  
Dissonantes têm luzes  
Errantes, montantes

Eletrizados pelos lados  
Estragados dos brados  
Alados das gargantas

Unidas às vidas  
Estarrecidas, cruzes  
Erguidas por mãos santas.

CXXVIII) Perdas que em nós se somam nos dividem  
sistematicamente.

CXXIX) Nossa comunhão com nossos vazios nos  
trouxe a ancestralidade dos nossos fantasmas.

CXXX) Quem perambula por si mesmo acaba com o  
tempo descobrindo suas imprecisões e  
receios.

CXXXI) Oxigenado de lamentos,  
Se viu nos lentos elementos  
Que agregam ventos, pensamentos  
E sentimentos meio isentos.

Incolores  
Gerando  
O velho enfado  
Na alma entristecida.

Dormimos no monturo  
De nosso caos, juras  
Vis  
Em covis  
Hostis,  
Ti-ti-tis  
Tristes,  
Ristes  
Silêncios guardando  
O espírito suado  
De qualquer coisa ilhada.

LXXII) Na vida esperamos pelo que nunca virá, nossa  
espiritualidade desestruturada e desalicerçada  
contrói vazios atemporais em nós.

LXXIII) O impossível  
É visível  
Aos olhos do inaudível  
Asceta  
Atormentado pela meta  
A seguir, sempre incompleta,  
Inútil, fútil composição  
Repleta de ilusão.

- CXIII) Quem de nós sabe algo  
De si mesmo?! Quem pode ir  
Além de seus sonhos?!
- CXIV) Rápida é a luz dos  
Dos instintos, energia  
Solta em nossas falhas.
- CXV) Tentou o equilíbrio  
Dos perfeitos, caiu em  
Si mesmo, calado.
- CXVI) Nobreza perdida,  
Vida sacudida por  
Divagações tímidas.
- CXVII) Vácuos te organizam  
Nas essências, alimentam  
Teus sonhos avulsos.
- CXVIII) Sábios seres que  
Não se entendem, veiculam  
No tempo altas dores.
- CXIX) Prospera quem vai  
Além de si mesmo e sonha  
Ser justo e sincero.
- CXX) Diante de seu  
Corroído caos, manteve-se  
Prudente demais.
- CXXI) Derrapou em tônicas  
Angústias crônicas, líricas  
Visões casuísticas.

políticos corruptos constroem com o nosso dinheiro suas fortunas e ambições. Nosso país é um grande teatro sujo e apagado.

LXXIX) No país do futebol o dinheiro da merenda escolar é desviado, as rodovias são esburacadas e sem sinalização, os aposentados sobrevivem com um salário que não lhes dá condições de uma vida digna e tranqüila, as pessoas com vontade de trabalhar se engalfinham em concursos públicos de poucas vagas e, às vezes, de cartas marcadas.

LXXX) O Brasil se esconde atrás de seus corruptos e malfeitores, não cresce por absoluta falta de honestidade em cada um de nós, indivíduos pouco habituados a verdade. Nesses nossos tempos o samba-do-crioulo-doido nunca ecoou tão vivo, nossa intimidade com o desespero dos outros nos transformou em cidadãos acostumados a louca realidade que nos consome freneticamente.

LXXXI) MÚSICA 07

“ESPERANÇA”

Viver, ter  
Esperança,  
Crer, ser  
Uma criança

Solta no ar  
Da verdade,  
A singular  
Saudade

Teu grito  
Seco  
Traduz  
O eco

Que te induz  
A ser só,  
Atrito  
Sem dó

Na mão  
Do conflito  
Num órfão  
Gesto que te produz.

CIII) Velhas quimeras  
Acesas nessas  
Fadigas antigas,

Centelhas sinceras  
Abraçando o quando  
Das brigas e intrigas

Parelhas às feras  
Mais abissais,  
Às cantigas amigas.

CIV) Na estática dos movimentos organiza-se as  
sensações silenciosas dos instantes que nos  
preenchem de segredos verdadeiros

CV) Precipícios  
Nos isolam,  
Atolam  
As circunstâncias  
Em inconstâncias  
Chulas.

LXXXV) Ah, a dor dos sem ninguém, dos inválidos, dos  
que lutam toda uma vida e nada conseguem,  
daqueles sem família ou teto para morar, dos  
injustiçados por motivos banais, dos  
esquecidos para sempre.

LXXXVI) Ah, a agonia das surpresas tristes, a voz  
abafada por tantas idas e vindas cansativas, a  
porta que não quer se abrir quando a saída é  
apenas aquela.

LXXXVII) Vede, somos irrisórios. Partículas numa via-  
láctica que se expande para todos os lugares,  
profundas percepções que se desnorream  
com facilidade, torrentes de água poluída  
invadindo os espaços cósmicos de muitos  
outros espaços que nos fecham diante de  
nossa insegurança.

LXXXVIII) Somos cadáveres adiados, carne  
espiritualizada por alguns anos,  
arrepentimentos que se somam numa longa  
caminhada na busca de nada.

LXXXIX) Nos partidos corações sofridos reina certos  
desgostos implacáveis, sonhos que se recriam  
em quaisquer caos.

XC) MÚSICA 08  
“ESPÍRITO”

Espírito do tempo  
Ajuda-me a compreender  
Meus irmãos.



Desses bosques  
Sutilmente  
Alojados  
Dentro de

Nós, meninos  
Reunidos

Ao redor  
De esperanças

E segredos  
Viscerais.

XCVIII) Porções de nada  
No prato que  
Rebeste para  
Comer. Vazia

Situação  
Que chega, te acha  
Sozinho e te  
Traz a bolacha

Também de nada  
Feita. O que  
Procuras para  
Seres tão só?!

Não há alimento  
Que, vão, te faça  
Olhar para a  
Vida com graça.

XCIX) Assustado e  
Dividido, ele  
Seguia não  
Sabia pra

Cansaços  
Redefinindo  
Nossa percepção,

Ruídos  
Que só se entendem  
Sem audição.

XCI) Agudos sentidos  
Redescobrem, no acaso dos tímidos  
Olhares, os passos compridos  
Das almas soltas nos sons obtidos

Pelos pés do tempo tocando, estarrecidos,  
Campos plantados e estabelecidos  
Espiritualmente como dissolvidos  
Orvalhos amanhecidos

Com total nitidez. Comovidos  
Sonhos põem em nossos ouvidos  
Os sustentados

E bemóis de certos cálidos  
Sentimentos conhecidos  
A tempos por fatos doídos.

XCII) És aquilo  
Que nenhum grilo  
Consegue cantar, crocodilo

Nadando do Rio Nilo  
Até o silo  
Das coisas secas, esquilo

De correria inglória, mamilo  
De leite sujo, asilo  
Que só recebe loucos e sonhadores, vacilo  
Que conhece o estilo

Humilde do coração tranqüilo,  
Pupilo  
Que quer ser mais que o mestre, quilo  
Que nada pesa, devoto de São Camilo.

XCIII) Somos  
Átomos  
Nos gomos  
Das frutas ácidas, fomos

O hálito das múmias  
Nos dias  
De melancolias  
Intensas, vazias

Criaturas  
Duras  
De coração, inseguras  
Faces sem doçuras,

Dor,  
Que forte ou fraca, nunca foi amor.

XCIV) Amanheceste  
Único, padeceste  
Em vão, sofreste  
A fotossíntese, de leste  
A oeste,

Das plantas nas floras  
Das horas  
Amargas. De cócoras  
Presenciaste as pioras  
De tua alma. Devoras

A ti com tal inexatidão  
Que tens uma percepção

Fugidia,  
Visceral monotonia que te vem de noite ou de dia.

XCIV) Velha  
Dor  
Que  
Não  
Me  
Deixa,

Eu  
Sei  
Quantos  
Sou:  
Todo  
Mundo.

XCVI) Esteve  
Passando  
Por ruas

Que não  
Existem,  
Viveu

A incerta  
Loucura  
Dos homens

Movidos  
A sonhos  
E encantos.

XCVII) Passeamos  
Pela luz

Tanta violência,  
Miséria,  
Corrupção,

Realidade  
Que pune  
Qualquer coração.

Ruas tão escuras,  
Postes sem  
Iluminação.

Estradas que  
Só conduzem  
Pra escuridão.

Meninos  
Olhando a vida  
Com falta de pão.

Há dores  
Nos envolvendo  
Em toda situação.

Vivemos  
E não passamos  
De uma frágil ilusão,

Corredores estreitos  
Que vão dar  
Na imensidão,

Vielas que só  
Terminam  
Na luz da ocasião,

Silêncios  
Que se agrupam  
Em torno da solidão,

Onde. Doente  
De ser quem era,  
Articulou-se  
Nos temporais,

Pressentiu em  
Si a confluência  
Dos pensamentos  
Soltos na vida.

XCX) Ausente do mundo,  
Tornou-se ilhado,  
Desolado  
Diante  
Das circunstâncias.

Vagabundo  
Enfadado  
De tudo, desnordeado  
Ante  
Crônicas angústias, adormeceu nas distâncias.

CXI) A matéria  
Precisa de idéias.

Cefaléias  
Traduzem as epopéias

Das mentes nas boléias  
Do tempo, artéria

Que se articula às panacéias  
Das almas plebéias.

Luz  
Sua  
o infinito,

Que traz  
A certeza  
Da paz,  
A beleza

De estarmos  
Unidos  
A tudo e darmos  
Um toque de sutileza nos sentidos.

Crescer,  
Estabelecer  
Em nós o elo           REFRÃO(2X)  
Do apelo  
Que nos requer  
Plenos de saber.

#### ●AS LUZES SE ACENDEM...

- LXXXII) Sentada na cadeira-de-balanço Dona Maria lembra tranqüilamente de seus mortos. Seus avós, pais, marido e filhos já não existem. Resta-lhe ela mesma e a solidão de uma casa sem barulhos. O relógio indica uma hora qualquer, na televisão bobagens vão se intercalando sem parar. Dona Maria que mal come e mal dorme se satisfaz com seu salário mínimo e sonha morrer em paz.
- LXXXIII) Do outro lado da Rua João e Júlia vivem o drama dos inúteis. Com seis filhos para criar e sem emprego, os dois se viram como podem e passam fome para alimentar meia-dúzia de bocas famintas.
- LXXXIV) Logo adiante, na mesma rua, na padaria de seu Juvenal pessoas compram sem parar pão, leite, queijo e muitas outras coisas e a vida vai

Vícios  
Nos colam,  
Imolam  
As ânsias  
E demências  
Fulas.

- CVI) Gritos de mim em  
Ti, acaso que unem as coisas  
Que nos pluralizam.
- CVII) Seca dor sedenta,  
Água barrenta que, lenta,  
Só causa tormenta.
- CVIII) A morte nos põe  
De encontro a outras mortes, certas  
Incertezas místicas.
- CIX) Intuições nos  
Trazem sonhos anormais,  
Tons meio confusos.
- CX) No infinito esteve,  
Mais uma vez isolou-se.  
Tornou-se um fantasma.
- CXI) Na face do tempo  
Há traços de eternidade,  
Razões que em nós se acham.
- CXII) Agonias que  
Nos deixam ilhados, homens  
De sonhos volúveis.

## ATO 2:

- LXXIV) Vos apresento minha essência, minha correria a vida inteira para lugar nenhum, minha esperança num mundo melhor, minha melancolia que me faz compreender e aceitar vossa eterna falta de confiança na pureza e no sonho.
- LXXV) Vos entrego minhas lágrimas, a melhor parte de meu silêncio, a ternura de meus olhos bestificados ante a solidão dos espaços que nos envolvem e nos equacionam em delírios expansivos.
- LXXVI) Vos peço amor, humanidade. Carinho para com as coisas existentes e inexistentes, vontade de apaziguar os corações atormentados, sutileza para enxergar nos outros nossa própria maneira de sermos felizes ou infelizes.

### ●AS LUZES SE APAGAM...

- LXXVII) Cá estou num palco escuro falando para pessoas escuras. O lado negro do meu sorriso que não vedes é minha sede de transpor o lado enigmático de nossas parcas concepções a respeito de tudo.
- LXXVIII) Mendigos passam fome nas ruas, presos subnutridos se encurralam uns em cima dos outros em cadeias imundas, hospitais com seus médicos e enfermeiros apressados cuidam de doentes desesperançados, meninos vão para as escolas sem se alimentarem para estudarem com professores mal pagos e mal formados,

CXXII) Fantasmas repousam  
No teu silêncio cansado,  
Te vêm fechado.

CXXIII) Assombra-me as coisas  
Que não se definem em  
Mim, tons de sons ermos.

CXXIV) Frações de mim por  
Toda a casa indicam que  
Vivi aqui juntando-me.

CXXV) Nossas esperanças  
Dançam em certos receios,  
Nos tornam coesos.

### CXXVI) MÚSICA 10

“NOTOU-SE”

Notou-se falho,  
Carta num baralho  
De cartas sujas.

Viu-se retalho,  
Espantalho  
Onde corujas

Repousam confusas,  
Intrusas,  
Medusas  
De bocas lusas,  
Difusas  
Criaturas cafusas.

Sentiu-se alho  
No bugalho  
Das faces marujas,

(REFRÃO-2X)

LXVIII) Acesas luzes quebradas iluminam tua correria  
cansativa, teu destino de constituições nem  
sempre sublimes.

LXIX) Enquanto procuras por teu defasado  
Sorriso antiquado, és o lado podado  
Das plantas fíncadas no solo calado  
De algumas planícies soltas num alado  
Conceito amarrado a qualquer som sagrado.

LXX) Na tristeza daqueles olhos vejo a luz  
Que me traduz nas cores vivas, o segredo  
Atormentado das faces onde o degredo  
Vai de mãos dadas com o que jamais expus.

LXXI) MÚSICA 6

“DORMIMOS”

Dormimos no escuro  
De nós mesmos, criaturas  
Vãs,  
Sem manhãs  
Ou amanhã,  
Romãs  
Podres,  
Odres  
Furados guardando  
O vinho alado  
Da vida.

Dormimos no futuro  
Das incertezas, usuras  
Tais  
Quais  
Vícios irreais,  
Totais  
Dores

CXXXII) Deslocado  
De tudo, atado  
Às reminiscências,  
Foi confluências  
E ausências,

Algo apressado  
Que, bestificado  
Diante das consciências,  
Construiu as aparências  
Das carências.

CXXXIII) Não se recompôs de suas dores, apenas  
procurou viver em paz.

CXXXIV) Ruídos colhidos  
Em tempos idos

Contêm latidos  
De cães fingidos,

Gritos mantidos  
Em ecos lívidos.

CXXXV) Anúncio da Funerária Etérea no Jornal da  
Matéria:

“Covas super-novas  
Aguardam todos nós.  
Nas trovas  
De nossas almas vãs,  
Há as sovas  
Das provas  
Que nos transformaram em pós  
Sem manhãs.”

Com tanta  
Coisa, pertencemos  
Aos sons extremos,  
  
A dor que se agiganta  
Quando trememos  
De medo do que seremos.

- LVII) No chão da sala o  
Desenho da lágrima dele,  
Sua vida só.
- LVIII) Chorou tanto que  
Esqueceu de viver. Algo  
Tornou-o descrente.
- LIX) Quem gosta das dúvidas  
Acaba compreendendo  
Certas agonias.
- LX) Na casa o relógio  
Não marcava hora nenhuma  
Porque ele era o tempo.
- LXI) A vontade de  
Existir nos traz ausências  
Que antes desprezávamos.
- LXII) Habitamos o  
Deserto dessas canções  
De notas caladas.
- LXIII) Vultos que nem sabes  
Quem são recriam teu cíclico  
Pensamento ilógico.

CXL) Foi guia-de-cego  
Com um olho só, prego  
Numa parede escura, rego  
De águas caladas, burrego  
Levando, sôfrego,  
Outro burrego a um ponto pego.

- CXLI) Raízes  
De tuas cicatrizes  
Se ramificam nos teus deslizos,  
Te reconstroem nos felizes  
Reencontros dos espíritos das perdizes.
- CXLII) Conflitos nos unem a nós mesmos, nos põem  
no silêncio das fotossínteses das árvores sem  
folhas.
- CXLIII) Algo  
Doído no olhar  
Singular  
Do fidalgo  
  
Deixou-o perdido,  
Sem acreditar  
Na ímpar  
Percepção do instinto dissolvido  
  
Nas coisas. Fantasiado  
De angular  
Figura insegura, resolveu amar  
O estragado.
- CXLIV) Não escutou  
A voz  
Atroz  
Dos destinos,

A dor do olhar que se perdeu  
Nas coisas, o medo daqueles  
Corações lúdicos e vastos,  
A corrosão desses espíritos

Entregues a compreensão  
Infinita, o sonho sensato  
Dos indivíduos dissolvidos  
Nas existências irreais.

XLVIII) De tanto procurar o que não sabia, acabou  
acumulando no espírito a síntese doentia das  
explicações que não interessam a ninguém, a  
megalomania das insatisfações que cada  
homem traz dentro de si.

XLIX) Não nascemos para entender nada. Apenas  
passamos com os anos atrás de necessidades  
que nem sabemos muitas vezes quais são ou  
serão.

L) Na sua estática cotidiana redesenhou-se  
velozmente, distribuiu nos elos que o tornavam  
sorumbático a realidade das sensações que o  
acompanhavam sistematicamente.

LI) Noções vagas de tudo passavam  
Pela sua visão tensa, terna.  
Morreu acreditando que o tempo  
Lhe transformaria em alguém limpo,  
Pronto para transpor seus receios

E fantasmas. Mas não conseguiu  
Nunca conciliar os tormentos  
De um ser espalhado em percepções  
Lunáticas. Viveu garimpando  
Sua alma, menino íntimo do ermo.

De grito  
Triste, esquisito.

CXLVII) A  
Paz  
Que  
Não  
Chega

Te  
Traz  
O  
Sonho,  
Uma

Força  
Que  
É  
Tua  
Alma.

CXLVIII) MÚSICA 11

“SUPORTOU”

Suportou  
A solidão,  
Acordou  
Na ocasião

Místico,  
Cilíndrico.

Aportou  
Na ilusão,  
Reformou  
A comunhão



- A alegria  
Da nostalgia  
De um pária  
Inconciso.
- XXXIV) Pássaros sozinhos  
Cantam para a natureza,  
Têm vozes eternas.
- XXXV) O natural não  
Não mora em nós. A podridão  
Das coisas nos forma.
- XXXVI) Gotas-de-água turvas  
Molham o chão homogêneo  
Das almas escuras.
- XXXVII) Deu passos errados,  
Curupira solitário,  
Anjo desconexo.
- XXXVIII) Vagueou de um lado  
Para outro de si mesmo e  
Só encontrou sujeira.
- XXXIX) Sentimentos lúdicos  
Recriam nossos desejos,  
Nos tornam sinceros.
- XL) Calafrios íntimos  
Apoquentaram-no, viram-no  
Unido aos seus caos.
- XLI) Não há exatidão  
Em nossas almas, apenas  
Luzes apagadas.

- CLVIII) Há alegria nos escuros, faces que se  
reencontram no vazio das coisas.
- CLIX) Na sutileza  
Do olhar  
Vê-se a certeza
- Da compreensão,  
O ar  
Da percepção
- Que transforma  
O verbo amar  
Em norma.
- CLX) Pertencemos  
Ao inexato,  
A esquecidas  
Essências  
Inovadoras.
- Nada sabemos  
Do lado ingrato  
Das sentenças polidas  
Nas ausências  
Sofredoras.
- CLXI) Nas cores presentiu  
A deformidade  
Das coisas, a claridade  
Das luzes  
Nos olhos dos avestruzes.
- Nos sonhos ouviu  
Os ecos  
Dos botecos  
Onde os bêbados  
Dançam em paz como os cágados.

XXI) Existe um passado nos unindo as coisas que um dia viveremos.

XXII) MÚSICA 2

“ANGÚSTIAS”

Angústias transformaram-no  
Em solidão.

Não  
Se compreendia.

Vazia  
Alma merencória,  
Discórdia  
Solta na doçura  
Escura  
De si mesmo.

Cansou-se de tudo.  
Mudo, desnor-teou-se.  
Olhou-se no velho (REFRÃO 2X)  
Espelho de um rosto  
Em desgosto.

XXIII) Pousamos na irrealidade com os olhos fixos na imensidão de nossos sonhos.

XXIV) Nada pode nos definir, estamos cansados de nós mesmos.

XXV) O lado podre do que é puro esconde nossas próprias convicções, nos isola.

XXVI) Somos átomos desagrupados por obviedades tolas demais.

A via  
Que o levasse ao vago  
Arquipélago  
Da correria  
De mais um dia.

CLXV) Pôr no  
Espírito  
A lúcida  
Beleza

Daquelas  
Manhãs  
Abertas  
A toda

Ternura  
Que possa  
Haver  
No mundo.

CLXVI) Vitrolas,  
Que não  
Produzem  
Nenhum  
Som, têm

Ruídos  
Vitais,  
Concisos  
Acordes  
Que doem.

CLXVII) Nas entranhas  
Dos vazios  
Há porções  
De senões  
Arredios.

XIV) Há um medo  
Nos pondo  
Além  
De nossas

Fraquezas,  
Tornando  
As coisas  
Paradas

No tempo,  
Eternas  
Tensões  
Doídas.

XV) Sonhou que  
Seria íntimo  
De quaisquer

Ideais,  
Morreu louco  
E sozinho

Procurando  
Por si mesmo  
Todo o tempo.

XVI) A morte achou-o  
Sedimentado  
Em confusões,  
Menino de

Conceitos toscos,  
Pálido ser  
De face escura.  
Assombrado e

Tempo de sentir  
O fluir  
Anatômico  
Do atômico (REFRÃO-2X)  
Sentimento,  
Elemento  
Dos elos  
De quaisquer pesadelos.

Tempo de lutar,  
De voar  
Nos mormaços  
Do querer.

Tempo de cantar  
A ímpar  
Sensação dos amassos  
Nos rostos sem padecer.

CLXX) No passo  
Serenos  
Das mãos  
Elétricas

Existe  
A força  
Coesa  
Dos atos

Que se  
Perfilam  
Ante ermos  
Anseios.

X) Movimentos da alma desaceleram as contingências, nos transformam em seres espalhados pelas malemolências da vida.

XI) MÚSICA 1

“O QUE SOMOS NÓS”

O que somos nós

Seres

De haveres

E deveres

Inúteis

Rumos tão sós

Indícios

De vícios

Sóbrios,

Táteis

Nos passos

Que demos

Temos e não temos (REFRÃO 2X)

Os traços

Imperfeitos

De nossos defeitos

Espaços nos detêm

Refrigeram

Os ermos que nos geram

E nos esperam

Laços nos contêm

Unem certos

Desertos

Que nos vêm em apertos

CLXXV) Navegar em si mesmo é encontrar essências de amor aquáticas no coração.

CLXXVI) A música dos contratempos e do desespero é a mesma música da elevação.

CLXXVII) Contingências vão nos tornando acostumados com nossas debilidades.

CLXXVIII) Quem voa no seu silêncio possui na alma uma sutileza que refrigera os sentidos.

CLXXIX) O amor é o nosso fim. Ou melhor, o maior dos fins.

CLXXX) Na sofreguidão dos passos que nos determinam na vida abrem-se os caminhos para as nossas virtudes.

CLXXXI) Anseios e receios nos tornam meio sutis.

CLXXXII) Na composição que nos envolve dilui-se a atemporalidade das coisas.

CLXXXIII) Mais dia menos dia estaremos mortos, abortos do acaso.

CLXXXIV) Quem pondera demais acaba sem quimera.

CLXXXV) Quem me dera que de era em era houvesse mais gente sincera.

CLXXXVI) Quem é fera nos escuros sabe dar valor à espera.

CLXXXVII) Quem some na paisagem da alma e um dia aparece falando de si mesmo e das coisas do mundo merece atenção.

Que não  
Se podem  
Ouvir,  
Retratos

CLCII) De alguém  
Além  
De suas  
Ações.  
O espírito  
Quando é  
De paz  
Se anima

Com a  
Beleza  
Das coisas,  
Procura,

No espaço  
Que o envolve,  
As cores  
Do amor.

CLCIII) MÚSICA 13

“CANTOU”

Cantou a sutileza  
Do perdão,  
A incerteza  
Da solidão  
Que conhece  
Os píncaros  
E os fossos,  
Os ossos  
Raros

colocando em seu coração a lucidez da verdade que eu penso existir nelas. Antes de arquitetar o *Monólogo das Sombras* pensei em um só ator para o texto que conseguisse a pluralidade das intuições de sua própria alma, alguém que transformasse sua fala em paz e essência para quem o escutasse. Acredito existir esse alguém, acredito na transformação do mundo para melhor, na reunião de irmãos comungando de idéias humildes a respeito de tudo. Com relação a questões como iluminação ou montagem do palco ou quaisquer outras pertinentes a representação do texto, deixo a cargo de quem for representá-lo. Basta apenas que tenha um pouco de sensibilidade e humildade no coração para poder chegar no ouvinte com mais profundidade e verdade.

*O Autor*

- CCII) Ferimentos na alma  
Não cicatrizam enquanto  
Não forem tocados.
- CCIII) O que estraga na gaga  
Noção que temos das coisas  
É nossa luz cega.
- CCIV) Ânias nos colocam  
Nas distâncias que nos fundem  
A caminhos rotos.
- CCV) MÚSICA 14  
“SÉRIOS”  
Sérios  
Mistérios  
Nos tocam  
E retocam  
Com os dedos  
Do infinito.  
  
O grito  
De nossos medos  
Ecoa nas coisas que focam  
E enfocam  
Certos monastérios  
Funéreos,  
  
Etéreos,  
Aéreos  
Sons são meios (REFRÃO-2X)  
Somados aos veios  
Dos rios  
Dos ócios.

## II. Antologias

- a) *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*,  
Fundação José Augusto  
Gráfica Manimbu, Natal/RN, 1990;
- b) *Um dia A Poesia*, Ayres Marques  
Gráfica Santa Maria, Natal/RN, 1996;
- c) *Poética Ribeirinha*,  
*Antologia Literária de Petrolina - 1995*,  
Elisabet Gonçalves Moreira  
Universidade de Pernambuco, Recife/PE, 1998;
- d) *Opúsculo do Conselho do Clube dos Escritores  
Piracicaba*,  
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- e) *I Antologia Nau Literária*,  
Editora Komedi, Campinas/SP, 1999;
- f) *Dicionário Bibliográfico de Escritores  
Brasileiros Contemporâneos*, Adrião Neto  
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999;
- g) *Escritores Brasileiros Contemporâneos em Prosa  
e Verso*, Adrião Neto  
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999.

## III. LIVROS A PUBLICAR

- a) Silêncios Atemporais (Crônicas)
- b) O Quarto de Teobaldo (Conto- Romance)
- c) O Incerto Tom das Quimeras (Crônicas)
- d) Os Olhos da Solidão (Poesia)

CCIX) No dia-a-dia  
Uma monotonia  
  
Intensa, uma vazia  
Sensação vadia,  
  
Uma ninharia  
De pensamentos que silencia  
Espectros, a correria  
Que adia  
Pegadas e gestos. Toda ousadia  
  
Tem a alquimia  
Do pensamento que cria  
Em outros pensamentos a via  
Cristalina da inércia  
Obnóxia.

CCX) Longas caminhadas  
Por estradas  
Situadas  
Em suadas  
  
Percepções contaminadas  
Por essências iluminadas  
Pelas coisas estragadas.  
Divagações espalhadas  
  
Pelas mentes espreguiçadas  
Em sim mesmas, antenadas  
Com as possibilidades caladas  
  
Das vozes usadas  
Pelas faces atrapalhadas  
Por facetas esturricadas.

aceitemo-nos. O universo precisa de nós para sobreviver e nós dele para permanecermos errando e titubeando em nossa imprecisão doentia.

CCXXI) Sejam fortes, ressuscitemo-nos.

CCXXII) MÚSICA 15

“SOZINHO”

Sozinho  
Seguiu,  
Fluiu  
Não sentiu

O desalinho  
Vil  
De sua alma, a anil  
Cor do covil

Dos seus pressentimentos.  
Tossiu  
No vazio, pariu  
A dor que o viu

Nos momentos  
A mil.  
Ele é uma frágil  
Figura dócil.

A Isabela e a Corrinha, com grande carinho e ternura;

A Dona Iaci e a Seu Heleno, duas crianças que me alicerçaram no sonho e no amor;

A Sebastião Simão, um amigo de admirável inteligência e sensibilidade;

A Luís Hélio, que possui uma alma de poeta e uma grande alegria de viver;

\*\*\*\*\* F I M \*\*\*\*\*



CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Câmara Brasileira do Livro, SP

869.1

L438m LEÃO, Aroldo Ferreira, 1967 -

Monólogo das Sombras / Aroldo Ferreira Leão -  
Petrolina: Gráfica Mandacaru, 2000.

68p;il.,(Biblioteca da Fac. de Form. de  
Professores de Petrolina / PE; Peça Teatral,11)

1. Literatura Brasileira. 2. Peça Teatral  
I. Título.

MGBS-BFFPP

CDD-869.1

CDU-869.0(81)1

ISBN 00-0002

Índice para Catálogo Sistemático

1.Literatura Brasileira: Século 20: Peça Teatral 869

2.Século 20: Peça Teatral: Literatura Brasileira 869

espalham em cento e vinte e uma inserções criando um texto que procura dialogar com o leitor e/ou ouvinte sobre a vida que nos envolve e nos delimita nas coisas. Aparece em sete antologias, respectivamente: *Novos Poetas no Rio Grande do Norte, 1990*, livro organizado pela Fundação José Augusto com 43 poetas ganhadores de um concurso literário realizado em 1989 em Natal/RN; *Um Dia a Poesia, 1996*, livro e vídeo, organizados por Ayres Marques em Natal/RN; *Poética Ribeirinha-Antologia Literária de Petrolina-1995, 1998*, livro organizado por Elisabet Gonçalves Moreira em Petrolina/PE; *Coletânea do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba, 1998*, organizado pelo próprio Clube junto à C. N. Editoria em Piracicaba/SP; *I Antologia Nau Literária, 1999*, editado pela Editora Komedi com diversos escritores brasileiros em Campinas/SP; *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos, 1999*, elaborado por Adrião Neto em Teresina/PI; *Coletânea de Escritores Brasileiros Contemporâneos em Prosa e Verso*, também elaborada por Adrião Neto em Teresina/PI. Aroldo também escreve crônicas, contos, romances, textos

**PROJETO GRÁFICO**  
**DIAGRAMAÇÃO, ARTE FINAL**  
**ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

Talentos Strategic Marketing

Dio Fonseca - design

Fones: (0\*\*74) 611 3703

(0\*\*74) 9997 8607

**IMPRESSÃO**

Gráfica Mandacaru

Rua São Vicente de Paula, 119

Centro

Petrolina - PE

Fonefax: (0\*\*81) 861 1761

(0\*\*81) 862 1256

**LANÇAMENTO**

Clube dos Escritores Piracicaba

Rua Jacob Diehl, 77

Fonefax: (0\*\*19) 433 8568

Piracicaba - SP

**COPYRIGHT©AROLDO FERREIRA LEÃO**

Impresso no Brasil - 2000

**ENDEREÇO DO AUTOR**  
**PARA CORRESPONDÊNCIA**

Rua Antônio Santana Filho, 600

Centro

Petrolina/PE

56.300-000

Fones: (81) 861 4752

(81) 9103 1998

e-mail: [leao@silcons.com.br](mailto:leao@silcons.com.br)